

# O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

BIBLIOTECA

ANNO V

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs. Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 52, Barcellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte.

BARCELLOS

Domingo 23 de Setembro de 1894

Publicações

Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % Annunciam-se as publicações litterarias, de que se recebe um exemplar.

N.º 238

SABBADO, 22

## RESPONSABILIDADES

É do *Jornal do Commercio* o brilhante artigo que em seguida transcrevemos e que prova bem a quem cabem as responsabilidades totaes e completas da entrega de Kionga:

A questão é clarissima. A Alemanha assignou em 1886 com Portugal um tratado, reconhecendo como limite norte da influencia portugueza na Africa Oriental o curso do Rovuma.

A quem obrigava essa clausula?

A' Alemanha, só a ella, mas a ella absolutamente.

E obrigava-a, não tanto para a occasião, pois a esse tempo ella não era abí nossa confinante, mas para a eventualidade de o poder algum dia ser, como veio a succeder, quando em 1891 a Alemanha adquiriu do sultão de Zanzibar, pela quantia de 6 milhões de marcos, os territorios ao norte do Rovuma.

Então é que o reconhecimento dos limites de Alemanha se podia tornar effectivo, pois até então a clausula era, n'este particular, platonica e improcedente, visto que a Alemanha não podia por fórma alguma legitima prender o Zanzibar ás suas convenções com Portugal.

Pois bem. É exactamente quando a Alemanha se colloca nas condições de poder tornar absolutamente effectivo o seu compromisso de respeitar a influencia lusitana nos territorios ao sul do Rovuma, que ella o derespeta, e nos invade.

Mas por que estipulou ella então o art. 2.º do tratado, se precisamente quando chega a occasião de essa clausula ter qualquer valor, a transgride flagrantemente?

Aqui, observam as folhas governamentais. O sr. Barros Gomes disse posteriormente á Alemanha que as strictas reivindicações de Portugal não podiam ir alem do Cabo Delgado, e esta confissão prendeu o governo actual.

Em primeiro lugar o que o sr. Barros Gomes escreveu foi: «que não era licito ao governo portuguez admittir para a delimitação e fóra da solução do curso inteiro de Rovuma (que era a admittida pela Alemanha) outra hypothese que não fosse a de um paralelo, seguindo do Cabo Delgado, etc.

Em segundo lugar, estas affirmações referem-se, não á Alemanha, mas ás reivindicações do Zanzibar, que não ficara por fórma alguma preso convenio luso-germanico.

Mas aqui se objecta ainda. A Alemanha, adquirindo os territorios zanzibarianos, adquiriu *ipso facto* todos os correlativos direitos, e se Portugal estava prompto a reconhecer ao Zanzibar direito ao territorio acima do Cabo Delgado, este reconhecimento não o pode contestar a favor da Alemanha.

Outro erro. A Alemanha com os territorios zanzibarianos adquiriu os direitos connexos, *menos é claro d'aquelles que ella tinha antecipadamente alienado*, como precisamente eram os referentes aos territorios entre Cabo Delgado e o Rovuma. Esses podia Zanzibar reivindicá-los; a Alemanha nunca, pois ella mesmo se obrigou pelo tratado de 1886. A NAU FAZER AQUISIÇÃO DE DOMINIOS, a não aceitar protectorados e a não pôr queresquer difficuldades á extensão da influencia portugueza. E, de facto, sendo a transacção da Alemanha com Zanzibar de 1891, só agora aquella se lembrou de vir arvorar o seu pavilhão em Kionga.

Mas, de duas, uma. A Alemanha tinha ou não tinha direito aos territorios entre Cabo Delgado e o Rovuma.

Demonstramos que não tinha. Mas o governo reconhecendo que as palavras do sr. Barros Gomes lh'o deram, como se atreveu então a questional-o á Alemanha?

Quando temos direito, as grandes potencias passam por cima d'elle. Que vamos então levantar questões, em que o proprio governo declara que razão e direito não estão pelo nosso lado?

Que figura ridicula é essa, que fomos fazer de discutir direitos, que affirmamos não ter? É isto serio? É isto digno? É isto decoroso?

Logo que se deu o incidente de Kionga, dissesse o governo ao paiz sobresaltado: Socreguem não houve invasão. Kionga effectivamente pertence aos Allemaes. A cada qual o que é seu.

Mas, em vez d'isto, o governo recolheu-se... para negociar. Negociou, ou acabou por abdicar, e vem agora dizer: a Alemanha tinha direito a Kionga desde 1891.

Mas se tinha, repelimos, por que lh'o contestou?

E se o tinha até Kionga, como é que o não tem até Cabo Delgado?

Ah, aqui é que está a habilidade.

Nós não tinhamos direito a nada; fingimos, para engazupar a Alemanha e apantiar um bocado, que era tambem d'ella.

Mas se não tinhamos direito,

para que fingia-mos, ou fingimos que fingiamos? Para que precisamos de mais um bocado de Africa? Não nos sobra já em territorios abandonados e em sensaborias o que temos?

Ridiculo, tudo isto, alem do mais, pois segundo o modo de ver ministerial, ainda temos de agradecer á generosa Alemanha não nos levar mais, e ter-nos até dado um bocado que era tão d'ella, como aquelle com que ficou.

Mas não, o nosso direito era indiscutivel, e tanto que a Alemanha repeliu sempre toda a idéa de arbitragem, e o governo, reivindicando os direitos de Portugal, fel-o inteiramente a sério, e só foi vencido porque não temos couraçados e krupps para oppôr aos de Guilherme II.

Confesse o governo isso, que é a unica coisa legitima e seria que ainda pode fazer.

Querer, porém, lançar as responsabilidades para o sr. Barros Gomes, nao pode ser, porque é contrario á verdade e á justiça, e só pôde servir para agravar consideravelmente a situação ministerial.

A attitude do sr. Barros Gomes na questão de Zanzibar era conhecida de ha muito, e nunca ninguem se lembrou de dizer que ella prejudicára o que havia sido consignado no tratado com a Alemanha de 1886.

Depois do tratado allemão, depois da cessão territorial do Zanzibar á Alemanha, finou-se o nosso tratado com a Inglaterra.

Lá está o mesmo limite do Rovuma. Portugal incluiu-o, a Inglaterra aceitou e a Alemanha não só reclamou, mas cremos até que ha mappas officiaes allemães com o limite de Moçambique no Rovuma.

A que vem, pois, essa declinatória de responsabilidades para o sr. Barros Gomes?

Não percebem que não é o illustre ministro progressista que se afunda, mas sim aquelles que o querem submergir?

## OS OPERARIOS E O INVERNO

A maneira obrigante com que o nosso presado collega da «Folha da Manhã», recebeu a nossa apresentação como soldados indefesos na cruzada santa em prol dos necessitados, e dos operarios sem trabalho, na proxima estação d'inverno, convida-nos a voltar ao assumpto, não para discutir, mas para agradecer o modo como fomos cavalheirosamente recebidos, o que não

nos surprehenle, por que sabemos com quem fallamos, e, mesmo, para que tão momentoso assumpto não fique esmagado pelo pezo de um galeão de typo onze.

Não é caso novo o estado precario, em que se pôde encontrar o operariado na proxima estação d'inverno.

Em 1850 ou 1851, se é que a memoria nos não atraiçoa, passamos nós por uma crise alimenticia, chegando o preço do milho, que orçava por 240 e 300 reis cada rasa, a 1:200 cada medida d'aquellas, o que, realmente, collocou a classe indigente em uma situação desesperadôra. E era-o, com effecto, por que os jornaes, n'esse tempo pagavam se por pouco mais do que a metade, do que se pagam hoje em dia.

E, note o nosso estimavel collega, não houve disturbios, nem pruridos d'insubordinações populares, como, ha pouco, se deram: só por que o milho chegou a 700 rs. a rasa; o que foi devido á falta de genero nos colleiros dos lavradores.

A medida que então se tomou n'esta villa para se acudir a tão calamitosa desgraça, foi d'iniciativa da Camara Municipal, a que presidia um respeitavel cavalheiro d'esta villa, já fallecido, que, organisando uma commissão, composta das pessoas mais gradas da villa e do concelho, pôde facilmente, e sem repugnancias, mas antes com adhesões espontaneas e sinceras, estabelecer uma sôpa economica, e, para muitos, gratuita, com que se atravessou o mais agudo da crise, que então foi dura e cruel, mas que se venceu sem exigencias forçadas e sem collectas, que podem ser do agrado de muitos, e contrariar a outros tantos, ou mais ainda.

O exemplo ahi fica registado; e d'elle podem dar testemunho dezenas de pessoas, que ainda vivem, e que melhor do que nós podem esclarecer o modo bizarro e generoso com que os nobres filhos d'esta villa nobilissima souberam então vencer as investidas da fome, sem que fosse preciso cercar os meios, que se destinam a um fim tão differente, como infinitamente respeitavel.

Vemos que o nosso estimavel collega está comnos-

co, na parte em que optavamos pela distribuição da verba, das confrarias, destinada à beneficencia, dentro dos limites dos respectivos concelhos.

A fiscalisação sobre o ratinhamento das verbas, com que as irmandades são obrigadas a contribuir para a beneficencia official, e estranha ás necessidades dos seus consocios ou irmãos, o que é pouco equitativo, mas que tambem não questionamos, pertence á auctoridade competente, e está fóra da nossa alçada.

Para se destrinçar a differença que ha entre *sopa*, e *caldo com pão*, não será preciso ouvirmos a opinião competente do rev. abbade de Priscos. É questão de nome para nós, que somos leigos na materia. Não foi outra a nossa intenção. Creia-c o nosso estimavel collega.

Mais uma vez felicitamos o nosso collega pelo zelo altruista, que o animou á iniciativa de tão humanitario certame, em que nos encontrará ser vindo sempre, e sempre da melhor vontade, porque nos honramos com a camaradagem, de quem assim sabe enaltecer a missão nobilissima da imprensa.

Fiquemos aqui.

## SCIENCIAS & LETTRAS

### OS AMORES DA PADEIRINHA

Bate, bate, padeirinha;

Faz o teu pão levedar!

E a voz harmoniosa da gentil cantadeira, n'uma toada melancolica, a tristes horas da noite, em que tudo dormia silenciosamente na santa paz do mundo, ouvia-se distinctamente pelas frinchas da porta, por onde se escoava a luz morna da candea de azeite pendurada d'um prego da parede esfumada.

Os seus braços carnosos e brancos de leite pareciam grossos rolos de pão de trigo, aplainados n'uns delicados contornos, pela face macia da penna d'uma pomba... Os seus cabellos pretos, profundamente pretos, bellamente encarcados aos cantos da fronte, como pequeninas serpentes enroscadas sob a força do calor, tinham o tom de heiosamente fresco das tranças ondeantes das mulheres orientaes... Os seus labios vermellos eram de villado-carneizem, onde pareciam adormecer aos bandos os beijos sequiosos dos enamorados do logar, n'um rodopio gracioso como as abelhas procurando a colmeia. A luz fascinadora dos seus olhos, reflectindo-se no espelho velludoso da setinosa epiderme da sua face rosada, parecia offuscar de todo a luz esmorecida da pequenina candea de latão, que—



como convergonhada—leixava cair a torcida n'um desfallecimento de morte.

E a padeirinha, batendo sempre o pão, como a quilha d'uma gaiga que vai cortando as ondas de leve, cantava de longe a longe, n'uma voz suave que parecia sair d'uma mimosa garganta tecida de veludados macios:

Bate, bate, padeirinha; Faz o teu pão levedar.

II

Cairam dez horas e a porta da rua abriu-se. A padeirinha, apenas viu que *alguem* entrava, baixou timidamente os seus lindos olhos pretos, e murmurou muito baixinho:

—Boas noites...

Elle sentou-se. Era um rapazinho novo da aldeia, um perfeito rapaz, doce de maneiras—o conversado da padeirinha. Tinham-se amado nem sabiam como; amaram-se naturalmente, depois do primeiro encontro dos seus olhos cheios de ternura, n'um arraijal, ás horas do entremez—quando o rei Herodes, n'um verso mal rimado, despejava mil injurias sobre um outro latagão, seu patricio, que fazia tres papeis de mulher.

Foi ahí—entre um foguete de lagrimas que se espalhava no cou sereno, o o rufar estrondoso d'um tamborileiro avinhado—que os seus corações se comprehenderam, e se approximaram. Mal se viram, nunca mais durante a noite se deixaram prender pelos foguetes espalhafatosos que provocavam a pasmaceira dos outros.

O seu arraijal era aquillo:—olharem-se e mais nada.

Estavam fallando d'isto, d'estes pequeninos nadas, que delectam, que seduzem, que prendem, que nos embriagam a alma como se, n'esses momentos, bebéssemos algum fluido extranho, feito de veneno e de amor... E, de espaço a espaço, traduziam as suas intimas paixões n'um olhar suavissimo e brando, que se trocava, quasi imperceptivelmente, como um pequenino insecto de brancas azas que voçasse rapido pela luz do sol.

E a avó da padeirinha que dormia em cima, remexia-se nos grossos lençoes de estopa, na febre dos mornos pesadelos da velhice. Aceordando meia inquieta, levemente assaltada por um presagio de desobediencia da sua padeirinha, tossia.

A nota respondia-lhe cá de baixo, na mesma toada da cantiga:

Bate, bate, padeirinha; Faz o teu pão levedar...

III

E a avosinha descanzava ac ouvir a cantiga.

Os dois, entretanto, como que envolvidos n'uma nuvem de ternura, em que a luz dos seus olhos faiscava, pareciam adormecidos na doce placidez das almas que vivem unidas n'um mysterioso abraço de amor.

Diziam-se niharias e sorriam-se; fallavam do amor dos estranhos e cochichavam baixinho, como a sublinhar não sei que phrases imperceptiveis; olhavam-se e córavam levemente; tocavam-se e estremeciam.

As suas almas eram como que duas talhadinhas de fresca g'leia, que ao mais leve contacto se ficam a estremecer...

Olhavam-se longamente, com um olhar profundo, que é a expressão viva de mil sentimentos que só o coração dos enamorados sabe comprehender.

E quando de cima, a velhita fazia estalar a sua tosse secca, a remexer-se preguiçosa nos grossos lençoes de estopa, a padeira respondia-lhe cá de baixo, com o sorriso nos labios vermelhos:

Bate, bate, padeirinha; Faz o teu pão levedar...

IV

E não terminava a cantiga... Ao baterem onze horas, a pa-

deira poz ponto na empreitada e pegou na candeia, desarragando os braços. Estava mais bonita-do que nunca: as carnes do rosto, vivamente sanguinas, entumecidas do calor da amassadura da foinada, os olhos meio languidos de sono, os caracões do cabelo desenrolados pelos cantos da frente.—E o seu conversado ergueuse no mesmo instante... Apertaram-se as mãos, n'um longo aperto silencioso e significativo da mais pura afeição, que os aproximara tão naturalmente.

Abriam a porta e elle saio, neto embuçado, tendo recebido dos proprios passos que ia batendo pelas quelhas da viella... A padeirinha, ao postigo, viu-o dobrar a esquina, assotando já alegremente, de rosto alumiado pelo luar.

E só ao fechar o postigo que rangeu nos gozcos, é que pôde dizer baixinho a cantiga toda:

Bate, bate, padeirinha; Faz o teu pão levedar; Que ámanhã, logo á noite, Outro pão has de amassar.

ADOLPHO PORTELLA.

ANGULUS

Avé-Marias!—tres badaladas O sino deu... —Vá, lavra lores! ao hombro enxadas Mãos levantadas Da terra ao Ceu.

O dia acaba todo inflamado, Todo a suor! E porque elle anda, d'este o soi nado, A nosso lado A trabalhar!

Hoje o «pão vosso de cada dia», E ganho emfim!... —Dá-me estas fainas, esta alegria Santa Maria Tem dô de mim!

Avé-Marias!—mais tres toadas O sino deu... Os carros chiam pelas estradas: Vozes caçadas Fallando ao Ceu...

Param á beira das aguas claras Gados irmãos; As guardadoiras—que lindas caras!— Largam as varas E eiguem as mãos.

Ai guardadoras que ides passando, Quem dera andar Entre as ovelhas do vosso bando, Correr ao mando Do vosso olhar!

Avé-Maria cheia de graça, Cheia de luz! Mais tres toadas o sino espaça... A vida é escassa... Signal da cruz!

Cessam os gyros das dobadeiras Pelos casais; Contam-se historias de lindas moiras Lindas e loiras Moiras reaes.

Ave-Maria!—Vem Noiva amada, E a hora, emfim! Quebra o encanto de que és fadada, Moira encantada Dentro de mim!

D. João de Castro

UM PENSAMENTO

(No leque da Exm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D. M. A. F. C.)

Ouve, ó leque, pequenino primor: O azul celeste d'esse olhar tão vago, que diz Boudade, —a estrophe mais bella da poesia Amor— dá todo o brilho, relevo e esplendor á faculdade que a tua gentil dona, com doce e mago sentimento, revela e nos traduz, no seu piano, no regressar da praia e quando a Luz foge e mergulha no assombroso lago, no Oceano!!

Apulia, 1894.

J. VIEIRA.

PUBLICAÇÕES

Aggrav. civil n.º 26:119 vindo da relação do Porto e para alli vindo da comarca de

Barcellos—Contem o opusculo que acabamos de receber com este titulo mais um dos abalissados trabalhos forenses do distincto advogado barcelense sr. dr. Joaquim Guiberto de Sá Carneiro, cujos dotes e predicados de doutissimo juri-consulto se confirmam a cada produção de sua lavra e superior educação profissional.

A' minuta do sr. dr. Sá Carneiro, segue-se uma outra breve e da mesma forma habilmente elaborada, trabalho do não menos illustre e talentoso advogado da cidade do Porto sr. dr. José Gonçalves Barbosa de Castro Junior, já assaz conhecido no nosso mundo forense.

Não cabe neste lugar uma devida apreciação de tão valiosos trabalhos, nem nos é dada tão honrosa tarefa; e por isso nos limitamos a agradecer a obsequiosa offerta.

Um pouco! Reflexões jurídicas e petição d'agravo de Joaquim Bernardino Fernandes e sua mulher Luiza Rosa Morgado contra Umbelina Rosa autorizada pelo marido João David de Barros—Muito agradecemos ao nosso caro amigo sr. dr. dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro d'Almeida Vasconcellos, primoroso poeta e já illustre eausidico, o exemplar d'este seu excellente trabalho forense, em que versado com toda a competencia e erudição juridica o assumpto—Compras condicionaes e clausula a contento.

Com o nosso agradecimento, d'aqui enviamos ao talentoso advogado as nossas cordeas felicitações pela valia de seu estudo e pelo bom exito de tão apreciavel trabalho.

A Moda Illustrada—Temos presente os n.ºs 369 e 370 d'esta brilhante publicação quinzenal, editada pela antiga Casa Bertrand, propriedade do sr. José Bastos, de Lisboa.

A Dosimetria—O n.º 9, anno 5.º, d'esta importante revista mensal de medicina dosimetrica, baseada na phisiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do dr. Burggraeve.

A Bordadeira—O n.º 4, anno 1.º, d'esta magnifica publicação quinzenal destinada ás senhoras portuguezas e brasileiras contendo: Desenhos, completamente originaes, para bordados a braneo, a côres (seda, lã, etc.) a ouro, a prata, a cabello, etc.

Assignatura 50 rs. Numero avulso 60 reis.

Direcção—Rua de S. Miguel 42—Deposito, Praça de D. Pedro, 134 e 135, Porto?

Vae annuncio na secção respectiva.

Rogamos á exm.<sup>a</sup> Empreza a fineza da remessa dos numeros 2 e 3 que não recebemos.

CORRESPONDENCIAS

Povoa do Varzim, 19 de Setembro

Tem-se estranhado que sejam tolerados aqui os passeios em carro e a cavallo nas ruas e largos mais concorridos de banhistas, e especialmente no Passeio Alegre.

Ainda não houve atropelamentos, mas facilmente pode haver, e por isso convém que os senhores dos carros e dos cavalos botem figura em qualquer outro lugar, onde não haja perigo de ser esmagado algum ve ho ou creança, que não possa ou não saiba desviar-se de tão ridiculos marialvas.

—Parece que não tem havido grande movimento nas roletas, por falta de vinho e de to os.

—As principaes ruas da Povoia já estão acostumadas á vas-soura municipal.

Tambem n'isso tem havido progresso aqui.

D'antes era perigoso passar em qualquer rua. Agora, não é.

Até ha menos alguns milhões de moscas.

—E para estranhar qu' fizessem abi caso do Salgueiro.

Costuma dizer-se: —em casa da ferroiro, especto do pau do salgueiro.—e diz se, por ser esse, entre todos, o pau mais ordinario.

E nas casas dos ferreiros, em casas sujas que tem ga to.

E não admira, porque tambem só vegeta nos lameiros, nos charcos.

—Parece que chegou, finalmente, o arrependimento do governo.

Fez confissão geral com mr. Santos Viegas e este prometeu presidir á camara ultimamente nomeada pelos cabos de policia, esperançado em que os santos oleos poderão salvar o moribundo. Deus o queira.

O paiz é que já não pode salvar-se das vergonhas porque tem passado, salvo se mr. Pimentel Pinto se collocar á frente do seu extraordinario exercito, e obri-gar as potencias estranhas (com venia de mr. Carlos Lobo) a metterem a viola no sacco.

Se conseguir que tudo fique bem ansacado, será um benemerito d'este reino fidelissimo, embora mr. Caneças grite que tudo se deve ao seu plano idiotado em as ditas.

Ora pois.

Este ora pois desejava eu dizer-o bem, distinctamente, como o sabe fazer o amigo João Caravana.

—Quem conhece o phonographo d'Edison, e tem admirado aqui esse invento maravilhoso, ouvindo canto, musica, discursos etc pergunta a si mesmo:—que poderá fazer se mais com a electricidade?

—No domingo passado houve aqui corridas de velocipedes, assistindo um numero extraordinario de pessoas.

Só ahí é que se viu que n'esta praia estão milhares de banhistas.

Veio tambem alguma gente do Porto, Villa do Conde e d'outros pontos áquelle divertimento.

—Todas as quintas feiras ha musica no jardim.

—Os marchantes d'ahi devem aprender aqui a fornecer as carnes verdes.

Alguns gente pensa em mandar comprar n'esta villa a carne de que precisar em suas casas, depois que se retirar da praia.

E' bem feito.

—«O burro do senhor a'caide» foi magistralmente desempenhado, no theatro Garrett, pela companhia do Principe Real.—succedendo outro tanto com «Os sinos de Corneville», em que sobresahiu José Ricardo,—e com o «Solar dos barrigas», em que Angela Pinto patentepu o seu grande talento, sentindo-se bem mesmo ao lado de Emilia Eduarda.

E, apesar de não ter na garganta, como José Ricardo, o talo das grandes commoções, nada mais direi, por absoluta falta de tempo, que n'esta praia é necessario dividir.

Vem a proposito dizer como o

chronico frequentador, se não des cobridor legal, d'uma praia de norte dividia n'ella o seu tempo.

Todas as noites tomava duas cousas:—chá e apontamentos...

Algumas vezes principiava assim:

—Limpeza das botas. —Exame no vestido de banho, antes de tomar o dito.

—Barbear. —Mandar ao correio etc.

Aqui o tempo divide-se d'outro modo, um pouco diferente.

DIA A DIA

Fazem annos:

Dia 26—o sr. Julio d'Andrade Faria.

Dia 28 SS. MM. El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Maria Amelia.

Dia 29—o sr. José Maria Paes da Silva.

De Amarante, onde passou alguns dias, já regressou a esta villa o sr. Manoel Pereira Leite de Carvalho, apreciavel cavalheiro.

Com sua exm.<sup>a</sup> familia e seu primo o rev. sr. padre Agostinho Sotto Maior, dignissimo parochero de Barcelinhos, regressou, ante hontem, á sua casa, na mesma freguezia, o sr. dr. Antonio Ferraz, nosso illustre amigo e distincto clinico.

Vindo de Espinho, encontrase entre nós o nosso patricio s. commendador Joaquim Redondo Paes de Villas Boas.

Está enferma a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Emilia Velloso.

Esteve n'esta villa o sr. dr. José Augusto Carneiro, do Porto.

Com sua exm.<sup>a</sup> esposa e gentis filhas recolheu á sua casa do Bairro, na freguezia de Goios d'este concelho, o sr. Joaquim Antonio Pereira, nosso presado subscritor.

Passaram n'esta villa em di-reccão a Braga, vindos da praia da Apulia, o sr. visconde do Castello e exm.<sup>a</sup> familia.

Regressou da Apulia o sr. Arnado Braz.

Partiram: —para aquella praia a exm.<sup>a</sup> familia do sr. Manoel Augusto de Passos, estimavel ourives d'esta villa, e para a Povoia do Varzim o sr. Miguel Fiuza.

PELA SEMANA

Governador civil—Foi nomeado governador civil do districto o sr. dr. Manoel Ignacio de Amorim Leite, ex-administrador d'este concelho e ultimamente do de Famalicão.

O sr. dr. Amorim Leite, é um cavalheiro estimavel, um character nobre, dotado de predicados apreciaveis, probo e bondoso.

Nosso adversario, não significam estas palavras a menor lisonja, por que nem lhe devemos, nem nos preparamos para lhe dever o mais insignificante favor.

Não se adapta o nosso feitio ao modus vivendi de certos politicos que, a titulo de amizade particular, se convertem nos mais sabujos turiferarios de qualquer adversario, que trepa bafejado pelas auras da sorte, não duvidando sacrificar ás suas ambições pessoais, ao elogio e favor mutuo, a nobre attitudo de combate e de independencia, a moralidade e disciplina do partido que dizem servir. Assim como somos incapaz de



praticar uma injustiça a qualquer que milite no campo opposto, tambem nos não prestamos a re- pre-entar um papel dubio no nos- so partido.

As nossas palavras de acclhi- mento para o sr. dr. Amorim Leite são, pois, insuspeitas.

Esperamos que s. ex.ª fará uma politica moderada, honesta e leal, porque assim o indicam os seus antecedentes.

Envolvido na politica regenera- dora d'este circulo, não se revelou s. ex.ª de indole desleal, vingativa e perseguidora, não tem o seu no- me ligado ás *roubalharias do re- cessamento* e ás *falcattruas* que por ahí se tem feito.

Como nosso patricio será até o sr. dr. Amorim Leite o regenera- dor que mais digno se torna do bom acclhimento dos barcellenses.

O novo magistrado, porém, não é vaidoso, enfatuado e espavento- so, e por isso, se apresentou a tomar posse, sem que d'aquí fossem tomar o acto pomposo a legião dos pretendentes, dos amigos e dos transfugas.

**Assassinio**—Na sexta-feira ultima, á 1 hora da noite, no lar- gar do Carregal, da freguezia de S. Martinho de Gallegos, d'este concelho, quando José da Silva, o Galho, sapateiro, Manoel Fernan- des, aprendiz do mesmo offício e João Duarte Martins, os dois pri- meiros da freguezia de Oliveira e o ultimo da de Boriz, regressavam d'um serão, foram agredidos por tres individuos desconhecidos que os esperavam por de traz d'uma parede onde aquelles tinham de passar, recebendo o Manoel Fer- nandes uma violenta paulada na cabeça que o prostrou e de que veio a fallecer ás 6 horas da ma- nhã.

O assassino e seus cumplices evadiram-se. E, segundo nos in- formam, ainda não foram desco- bertos, constando-nos, porém, que na freguezia é g'ral a suspeita contra Antonio Maciel, o «Car- rarrica», como sendo um dos cri- minosos.

Com relação á causa determi- nante do crime nada sabemos.

As autoridades procedem ao levantamento dos autos e o cadav- er da victima, conduzido para o hospital d'esta villa, foi alli auto- psiado hontem pelos distinctos cli- nicos srs. Drs. Martins Lima e An- tonio Ferraz, com a assistencia do meretissimo juiz de direito 1.º substituto sr. dr. Barroso de Mattos, e sub-delegado da comarca.

**Aposentação**—O sr. Fran- cisco Gomes Rosa, que durante 35 annos serviu com zelo e prohiba- de o logar de 3.º distribuidor do correio d'esta villa, acaba de ser aposentado com a pensão annual de 129,5000 reis.

Onosso parabem.

**Obras na Afurada**—Fez- se na sexta-feira da penultima se- mana o lançamento da primeira pedra para a construcção do im-

portante açode, no rio Cavado, que a Companhia da Luz Electrica re- solveu inaugurar no logar da Afu- rada, assistindo ao acto os srs. Antonio da Fonseca Moura, José Luiz Alves Pereira Basto e Anto- nio Luiz da Fonseca, directores da Sociedade da Luz Electrica do Nor- te, alem de diversos cavalheiros.

**Roubod'uvas**—Os propri- etarios e lavradores d'este conce- lho veem as suas vinhas continua- mente assaltadas pelas larapias, que não se limitam a colher al- guns cachos para cozer e tratam de encher os cestos para attesta- rem os seus barris por preço com- modo.

Reclamamos da auctoridade com- petente as necessarias providen- cias, como urge, quando não os proprietarios que lhes agradeçim.

**Fallecimento**—Colhido de prompto por fatal enfermidade, succumbiu, não obstante os cui- dados e desvelos de sua extre- mamente familia, na segunda feira ultima, o sr. Daniel Cardoso d'Al- buquerque, filho do sr. João Bot-elho da Silva Cardoso, dignissimo e bemquisto escrivão de direito do 1.º officio, n'esta comarca.

Na primavera da vida, finou-se o desventurado mancebo, deixan- do sua familia na maior desolação e todos os amigos vivamente im- pressionados.

Daqui enviamos a expressão da nossa condolencia a toda a exm.ª familia dorida.

\* Os responsos de sepultura tiveram logar, na tarde de terça- feira, no templo do Senhor Bom Jesus da Cruz, findos os quies foi o cadaver cotuzido ao cemite- rio, precedido de numerozo acom- panhamento.

Tomaram as toilhas do feretro os srs. Adolpho Cibrão, Antonio Azevedo da Silveira, Alexandre Sá Vianna, Alberto Guimarães, João C. da Cruz e Eduardo V. Ramos.

A chave foi confiada ao exm.º sr. dr. José Barroso Pereira de Mattos.

\* Da Povoá do Varzim, onde se acham a banhos, vieram assist- ir ao funeral os srs. Francisco de Assis Marques d'Azevedo, digno escrivão de direito n'esta comarca, e Antonio A. Marques d'Azevedo, nosso presado collega de redacção.

**2.º batalhão do 20**—Re- gressou terça-feira passada a esta villa, pela via ordinaria, o 2.º ba- talhão do regimento de infantaria n.º 20, aqui aquartellado.

Daqui enviamos as nossas boas vindas ao seu digno commandante, sr. major Francisco Gonçalves da Costa, bemquisto, brioso e muito instruido official do nosso exerci- to, bem como a toda a demais officialidade.

**Romaria**—No penultimo do- mingo effectou-se na freguezia de Perelhal a romaria da Senhora do Alivio, affluindo alli um grande concurso de povo.

**Mensagem**—A commissão municipal d'este concelho enviou

uma mensagem de pesames a Suas Magestades pelo fallecimento do sr. conde de Paris.

**METHODO GRADUAL DE CALCULO** por Branco Rodrigues—Collecção de 8 ca- dernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 reis cada um.—Caderno de Geo- metria Synthetica impresso em papel stigmographado por Branco Rodrigues.—Preço 300 reis.

Segundo o programma official dos exames de instrucção pri- maria.

A' venda nas livrarias. Envi- am-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Fer- reira Machado e C.ª rua da Sau- dade, 2, Lisboa.

O procurador Severino tem o seu escriptorio em ca- sa do exm.º snr. Gomes da Costa, á Pedra do Couto n.º 14, aonde pode ser procurado diariamente desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

**ANNUNCIOS**

**REVO U.ÃO DO BRAZIL**

Album com 43 vistas dos Na- vios de guerra, como Couraçados, Torpedeiros, Montitores, Transpor- tes, Cruzadores, Canhoneiras, etc. etc; todas fortalezas e pontos forti- ficados do Rio de Janeiro; ilhas proximas que mais soffreram com a revolta e estado em que ficaram varios pontos da cidade de N. the- roy; canhões que mais salientes se tornaram e os seus respectivos projectis; estado de ruina em que ficaram varios predios publicos e particulares, e retratos das princi- paes figuras que tomaram parte na tremenda lucta etc. etc. tudo a- companhado das respectivas eluci- dações.

Tudo fielmente reproduzido em excellentes e nitidas gravuras im- pressas em esplendida cartolina e devidamente encadernado, este al- bum, pelo que encerra de interes- sante actualidade e pela modicida- de do seu preço, está perfeitamen- te ao alcance de todas as pessoas que, por conhecimento dos lugares mais assignalados ou por simples curiosidade, desejem possu-lo.

**PREÇOS**  
Em cartolina, com capa de linda percalina ornamentada, 800 reis; sem capa de percalina, 500 reis; em papel, com capa de cartolina, 200 reis.  
Editores—Eduardo Pinto d'Al-

meida e Aurelio Marques Rebello. Os pedidos de assignatura e cor- respondencia devem ser dirigidos ao sr. Aurelio Marques Rebello, para a rua de Santa Catharina, n.º 120, Porto.

**A BORDADEIRA**

Publicação quinzenal

Jornal de bordados, modas, mu- sicas e litteratura. Cada numero, de 20 paginas, 50 reis no acto da entrega. Para a provincia:—Anno, 1:300; semestre, 700; trimestre, 360 reis.

Este jornal, o mais completo e barato que até hoje se tem publi- cado em Portugal, comprehende: grande variedade de desenhos para bordados, completamente originaes, occupando um espaço cor- respondente a oito paginas: mag- nificos figurinos segundo os me- lhores jornaes de modas francezes e allemães; moldes desenhados de facilissima applicação; moldes corta- dos em tamanho natural no prin- cipio de cada mez, a que só terão direito os assignantes de anno; musicas originaes para piano, ban- dolim, violino, etc. em todos os numeros; enymas pittorescos e charadas, faldins, contos, poe- sias, receitas de grande utilidade, annuncios, etc., etc.

A Empreza offerece brindes aos seus assignantes de anno, seme- stre e trimestre.

Pedidos—Dircção do jornal «A Bordadeira»—Porto.

**AS JUNTAS DE PAROCHIA**

**Guia dos corpos administrativos**

Contém a nova Reforma admi- nistrativa, approvada por decreto de 6 de agosto de 1892, que tão fundamentalmente alterou as disposições do Cod. g.º Administrativo de 1886 na parte respectiva ás juntas de parochia, comprehendendo tambem todas as alterações que o referido Codigo tem soffrido desde a sua publicação até ao presente.

Esta obra é utilissima aos pre- sidentes das camaras municipaes, administradores de concelho, mem- bros das comissões districtaes, juntas de parochia, etc., etc. Pou- cos exemplares já restam da edi- ção.

Preço 200 reis, franco de porte. Pedidos ao editor A. José Rod- ríguez, rua Luz Soriano, 100. 1.º Lisboa.

**CONTRIBUICÃO INDUSTRIAL**

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approva- dos por decreto da mesma data, contendo as tabelas necessarias,

taxas segundo as ordens das ter- ras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cu- jo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes in- dustriaes, fabris, commerciaes, ar- tes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evi- tar injustiças e aggravos tributa- rios. A edição é sobremaneira eco- nomica, e por tão diminuto preço é a unica que se encontra no mer- cado. Cada exemplar custa apenas 200 reis. Aos revendedores des- conto vantajoso, não sendo os pe- didos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 reis, em estam- pillas, ao editor A. José Rodri- guez, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

Em Barcellos, vende-se na Li- vraria Valle.

**A MODA ILLUSTRADA**

Jornal das Familias

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, moldes do tamanho natural, modelos de tra- balhos de agulha, tapessarias, bor- dades, croché, romances, littera- tura, passatempo, etc.

**Condições d'assignatura**

1.ª edição  
(com figurinos coloridos)

Anno 4:000 | Trimestre 1:100  
Semestre 2:100 | Avulso 200

2.ª edição  
(sem figurinos coloridos)

Anno 3:000 | Trimestre 850  
Semestre 1:600 | Avulso 160

Assigna-se e vende-se na Antiga Casa B. rtrand - José Bastos - Rua Garrett, 73 e 75 - Lisboa.

**NOVIDADE LITTERARIA**

**CHOROGRAPHIA DE POR- TUGAL, ILLUSTRADA**

30 gravuras e 20 mappas a cores por **Ferreira-Deusdado**

Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philoso- phia, antigo membro do Con- selho Superior d'Instrucção Pu- blica, director da Revista de Educação e Ensino &.

Custo 15000 reis

Goullard, Aillaud e C.ª, Casa Editora e de Commissão—Lisboa, 242, rua Aurea, 1.º.  
A' venda em todas as livrarias.

**FOLHETIM**

**A LENDA DO CASTELLO**

(Concluzão)

Naquella mesma noite o con- de, louco de desespero, baixou á cripta do castello. Dois servi- dores allumiavam os seus passos com tochas... Chegou junto ao sepulchro de pedra que guarda- va os restos da sua Elvira, d'a- quella Elvira com quem sonhou á sombra dos muros de Jerusa- lem, durante as noites largas e tristes em que os crusados tive- ram sitiada a cidade deicida! Queria vel-a, vel-a a todo o tran- se, estampar na sua fronte aquel- le beijo de amor com que o con-

de esperava ser recompensado dos seus trabalhos e amarguras.

Uma ordem imperiosa sain dos seus labios e pouca depois estava aberto o sepulchro.

O sepulchro appareceu vazio aos olhos do conde aterrado!

Callou-se ao chegar a este ponto e narrador da lenda, e ninguém, nem mesmo o aristocrata indiscreto, se atreveu a interrompel-o com a menor pa- lavra.

Depois continuou:

—Os senhores quererão cer- tamente saber o final do tragico successo. Pois o final é breve. Passarei por alto as murmura- ções da creadagem do castello; a historia do amor secreto que contavara; a morte simulada de

D. Elvira, mercê d'um filtro prodigioso, e vou referir-vos o capitulo que põe termo a esta lenda.

O conde, depois de tão terri- vel scena, desapareceu da sua funesta habitação em companhia d'alguns servidores leaes. Ao cabo d'algum tempo apresentou- se seguido dos seus, que pene- traram sem serem vistos no som- brio pantheon. Pouco depois mandou o conde chamar todos os servidores do castello e orde- nou que baixassem á cripta o seu estandarte, os seus trophéos de guerra e até o manto com que cobriu o seu corpo na via- gem ao Oriente.

Quando todos, nobres e ple- beus, se acharam debaixo d'a-

quelles muros, o conde de Gar- ci-Perez mandou descobrir a se- pultura de sua esposa. E adian- tando-se, com gesto imponente, disse estendendo o braço para o cadaver rigido e immovel:

—A que ahí dorme é a con- dessa D. Elvira! Servidores d'este castello, acercai-vos para a reconhecer, para que ninguém possa jamais diante de vós pôr em duvida que descança por uma eternidade... que morreu.

**IV**

A tarde tinha caido, e todos se apressavam em fugir d'aquel- las ruinas que, depois de escu- tar a tragica tenda, levavam o espanto á alma e deixavam gela- do o coração!

—Que tal?—ia dizendo pelo caminho o velho magistrado ao conde de Tablada. Eram ou não outros homens os da epocha do conde de Garci-Perez?

—Meu amigo,—respondeu o aristocrata com mais seriedade que de costume—os homens creio que eram eguaes. Em com- pensação, as mulheres parece- me que se differencavam muito.

—Em quê?—perguntou sor- riendo o magistrado.

—Em que hoje nenhuma se faria passar por morta para dei- xar salva, na apparencia pelo menos, a boira do marido.

Renato de Aragon



# OS ORPHÃOS DE CALCUT

ROMANCE HISTORICO MARITIMO, ORIGINAL DE H. Lopes de Mendonça

Um lindo volume adornado de magnificas gravuras a cores, desenhos do distincto pintor João Vaz. E' um dos romances que melhor accitação tem tido em Portugal. Extenso enredo, com-movedoras scenas dramaticas, sobresahindo a descripção da heroicidade da mulher portugueza que atravessa todos os perigos para ir á India em busca dos filhos queridos que lá tinham ficado sem pae, que os mouros mataram em rija peleja.

Um elegante volume 800 reis. Pelo correio 850 reis Por assignatura 60 reis cada semana. As gravuras são offerecidas como brinde a todos os assignantes.

Dirigir pedidos a qualquer livraria do Porto ou da provincia, ou á

Empreza Editora Mello d' Azevedo e C.<sup>a</sup> 147, Rua dos Retrozeiros, 147, Lisboa

Está já a imprimir-se o bello romance original de D. João da Camara intitulado

## EL REI

Seguindo-se outros romances des eminentes escriptores: Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Sousa Monteiro, Visconde de Castilho, Zephyrine Brandão, etc.

Tudo romances genuinamente portuguezes, adornados com formosissimas gravuras a cores, que são offerecidas como

Brinde a todos os assignantes

Em Barcellos é correspondente da Empreza o sr. Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira.

## LIVRARIA ESCOLAR DE

### CRUZ & C.<sup>a</sup> EDITORES

#### BRAGA

### A MESTRA DOS CHANTEPOT

Por Mary Floran, versão Alfredo Campos 1 vol. brochado..... 400 reis

### VIDA DO ARCEBISPO D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Por Fr. Luiz de Sousa 3 grossos vol..... 1\$800

### CURA DAS MOLESTIAS PELA AGUA

Obra illustrada com gravuras para applicações dydroterapicas, pelo celebre rev. padre Sebastião Kneipp, traducção do saudoso extincto Alves d'Aranjo. 2 vol. brochados..... 1\$200

### O ANJO DA MOVIDADE

#### OU VIDA DE S. LUIZ GONZAGA

Por J. J. Almeida Braga—2.<sup>a</sup> edição 1 vol. brochado.... 200

#### S. GONÇALO D'AMARANTE

Poema lyrico em seis cantos, por Francisco Lopes, poeta seiscentista, com uma polygraphia Camoneana pelo professor decano do lyceu de Braga, dr. Pereira Caldas.

1 vol. brochado... 200—Em papel assetinado... 250

### POETAS DO MINHO

MONOGRAPHIAS POR ALBERTO PIMENTEL 1—João Penha

A seguir «Monographias» d'outros poetas das differentes localidades d'esta encantadora provincia.

### O Portugal Jacobino

Por JACINTHO FERNANDES Critica resposta ao «Portugal Jesuita» de M. Borges Grainha 1 vol. brochado..... 300

N'esta livraria encontra-se variado sortido de livros adoptados nas escolas primarias, lyceus e seminarios. Obras litterarias, religiosas e lógicas. Deposito dos livros do Archivo Juridico e de muitas edições escolares—impressos segundo os modelos officiaes para escripturação nas escolas publicas.

## LIVRARIA ESCOLAR

DE CRUZ E C.<sup>a</sup>—EDITORES 68, Largo do Barão de S. Martinho, 71—56, Rua Nova de Sousa, 58 BRAGA

## DICTIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL

(Parte continental e insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.

Mencionando todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, postaes, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, repartições com que as diferentes estações permutam malas, etc., etc.

por P. A. de Mattos Empregado do Ministerio da Fazenda 1 volume com mais de 800 paginas, 1\$600 reis. A venda nas principaes livrarias, e na administração da empreza editora «O Recreio», rua do Marechal Saldanha, 59 e 61, Lisboa.

## BOLETIM BIBLIOGRAPHICO DE

### Livros antigos e modernos

Publicação mensal, gratuita Recomendamos a leitura d'esta utilissima publicação aos amadores de bons livros, ao clero e a todas as pessoas que desejarem estar em dia com o movimento litterario do nosso paiz.

Envia-se gratuitamente e franco de porte a todas as pessoas que a pedem aos editores Almeida & C.<sup>a</sup>, 31, rua do Almada, 238—Porto.

## AGENDA FORMULARIO

### MEDICO-PHARMACEUTICO

por Augusto Cesar da Costa Goes

Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra. 2.<sup>o</sup> anno 1893

Preço 500 reis.—Guillard, Aillaud e C.<sup>a</sup>, Lisboa.

## VIAGENS PORTUGUEZAS

### PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

#### ROMANCE SCIENTIFICO

por VICTORIA PEREIRA

TENENTE DE INFANTERIA Um vol..... 600 reis EMPREZA EDITORA DO RECREIO. A venda na Administração do Recreio, rua Formosa n.º 26, as principaes livrarias de Lisboa

## AOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

### BLUCIDARIO

Para a facil organização dos

#### Orçamentos e contas

Das Camaras, juntas de parochia, confrarias e irmandades

Esta util e importante publicação, bastante volumosa pelas desenhadas indicações e esclarecimentos que presta, contem uma collecção magnifica de modelos para orçamentos ordinarios e supplementares.

Cada exemplar custa 500 reis; pelo correio, 520 reis. Os pedidos devem ser feitos a Proença, Filhos e C.<sup>a</sup>—Guarda.

## CALCULO

# COMMERCIAL

VERSÃO PORTUGUEZA DA ULTIMA EDIÇÃO DO NOTAVEL LIVRO ALLEMÃO

## QUINTESENZ DES KAUFMANNISCHEN RECHNENS

DU

## DR. EDUARD AMTHOR

Antigo director da Escola Commercial e da Escola Superior do Commercio de Gera

POR

## LUIZ M. DOS SANTOS

Com o Curso Superior do Commercio pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e com Curso Superior de Letras

Systema de applicação dos methodos praticos de calculo rapido, abreviado e mental aos ramos mais importantes do commercio, operações sobre mercadorias, cambios, moedas, com-missões, juros, contas-correntes, vencimento commum, regras de percentagem, fundos, acções, arbitragens, facturas, etc., etc.

Explicado por numerosos exemplos e acompanhado por mais de 1:000 exercicios

Este notavel livro allemão cuja traducção recommendamos a todos aquelles que se dedicam a estudos commerciaes, é inteiramente baseado nos processos praticos de calculo, que o seu auctor, o sabio professor dr. Eduard Amthor, expõe com o mais alto criterio ao alcance de todas as intelligencias Por um lado procura explicar, com uma precisão pouco vulgar, os methodos de calculo seguidos e adoptados pelos praticos, na maior parte dos casos, sem a necessaria comprehensão da sua razão de ser: por outro lado, consegue formar um methodo completo e inteiramente scientifico, em que a theoria está constantemente justificando a pratica, de calculo rapido, abreviado e mental até hoje pouco estudado entre nós e mesmo nos mais paizes, a não ser na Alemanha, onde os estudos commerciaes tem atingido o mais alto grau de perfeição e de desenvolvimento.

Não quizemos alterar em nada o texto do original e por isso o valor d'esta obra, hoje considerada a melhor, entre as melhores do seu genero, em allemão, onde conta cinco edições, será inteiramente mantido na traducção que hoje apresentamos, por isso que ella é tão fiel quanto em nossas forças coube faz-la.

O estudo d'este livro julgamos-o necessario, e sob todos os pontos de vista, de grande utilidade a quem se dedique a estudos commerciaes e exerça a pratica do commercio.

A exposição, a forma de deduzir, a exemplificação, tudo enfim é novo n'este livro, para nós, mas essa novidade é salutar e faz-nos agradavelmente perceber existir alguma coisa de mais comprehensivel e de mais util do que o processo habitualmente seguido, na maior parte, dos nossos livros de estudo.

### Condições de assignatura

O Calculo Commercial, constará de um unico volume de cerca de 400 paginas e distribuir-se-ha em 16 fasciculos semanais, que serão levados a casa dos senhores assignantes em Lisboa e Porto e nas localidades onde houver distribuição organizada.

Cada fasciculo custa 100 reis pagos no acto da entrega O preço da obra depois de completa será elevade a 2:000 reis As pessoas que desejarem assignar nas localidades onde não houver correspondentes, deverão enviar adiantadamente a importância de 5 fasciculos, ou multiplo de 5, e o pedido lhes será immediatamente satisfeito, franco de porte. Quando a traducção exceda 460 paginas, os assignantes só pagarão 16 fasciculos e receberão com o ultimo e gratuitamente o final da obra. A correspondencia deve ser dirigida á

ANTIGA CASA BERTRAND Jose Bastos—Livreiro-editor Rua Garrett, 73, 75—Lisboa.

# PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da misericórdia

DE

## BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—AVELINO AYRES DUARTE Pharmaceutico de 1.<sup>a</sup> classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fuzdas, algalias, meias elasticas suspensorios, de madeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades, pharmaticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

TYP. DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»

Rua de S. Francisco, n.º 52

Editor responsavel:

JOAQUIM MACIEL, DE RORIZ